

ÀBÍKÚ

Sucessivos abortos em uma mesma mulher, partos seguidos da morte da criança recém nascida, morte de crianças ou jovens, repentinas e associadas a estágios significativos de vida, tais como mudanças nas fases de crescimento, aniversários, casamento ou nascimento do primeiro filho, são identificados como acontecimentos ligados aos Àbíkú.

Itan do Odu Irosun meji

Onde nós vemos quatro antigas divindades

Bem, Orisa diz que há uma criança

Orisa diz que essa pessoa

A pessoa para que nós jogamos quatro divindades

Òrìsà diz que nós devemos perguntar à ela se tem uma criança

Que é um Àbíkú e que continua morrendo

Òrìsà diz que eles não sabem seu nome direito

Então ele continua morrendo como um Àbíkú

Você vê o caminho que Òrìsà diz que é assim?

"Ega p'oko l'eri f'ese kan osi bo'do"

Ele foi aquele que jogou para Arco Íris

Que era a criança do proprietário do mercado de óleo

Lá estava Arco Íris

Eles não sabiam seu nome

Quando ele nasceu

Era ele que iria morrer

Os Babalawo que o examinaram

Eles disseram, "Ha! Se esta criança que nasceu deve voltar"

"Ele é "Veja o Mundo"

E ele nasceu

Eles disseram que a mãe de Arco Íris devia oferecer um sacrifício

Ela disse, "quando uma mãe tem uma criança"

"O que esta criança irá pegar dela?"

Ela não ofereceu o sacrifício

Então, uma faixa vermelha e preta

Era o que eles disseram que ela devia oferecer como um sacrifício

A mãe de "Veja o Mundo"

Ela não ofereceu uma faixa vermelha e preta

A mãe de Arco Íris não ofereceu o sacrifício

A mãe de "Veja o Mundo" era aquela que estava dançando

Ela estava alegrando-se

Ela estava louvando os Babalawo

E os Babalawo estavam louvando
Òrìsà Aqueles Babalawo falaram a verdade
"Ega p'oko l'eri f'ese kan osi bo'do"
Joga para "Veja o Mundo"
Que veio do céu para a terra
Você não sabe que o dia em que o Arco Íris vem para a terra
É aquele em que ele retorna para o céu?
Orisa diz que nós devemos oferecer um sacrifício
Por um Àbíkú
Como Orisa disse
Onde nós vemos quatro antigas divindades Irosun
Esse texto faz referência explícita a questão do Àbíkú. Afinal de contas, o que é "Àbíkú"?

A tradução literal é "nascido para morrer" (a bi ku) ou "o parimos e ele morreu" (a bi o ku), designando crianças ou jovens que morrem antes de seus pais. Há, assim, dois tipos de Àbíkú: o primeiro, Àbíkú - omode, designando crianças e o segundo, Àbíkú - agba, referindo-se a jovens ou adultos que morrem, via de regra, em momentos significativos de suas vidas e sempre antes dos pais, apresentando nisso uma alteração da ordem natural que socialmente é aceita e entendida como: aqueles que chegaram ao aiye (mundo físico) primeiro, voltam primeiro ao orun (mundo espiritual). Nessa questão, além da logicidade natural, está presente a garantia da continuidade no aiye e a certeza da lembrança e do culto ao ancestral que deixa descendentes que recontarão sua história ao longo dos tempos, garantindo sua "sobrevivência" na comunidade.

No orun vive um grupo de crianças chamadas Emere ou Elegbe e este grupo constitui o Egbe orun Àbíkú, ou seja, sociedade das crianças que nascem para morrer. Contam os mitos que a primeira vez que os Àbíkú vieram para a terra foi em Awaiye e constituíam um grupo de duzentos e oitenta, trazidos por Alawaiye, chefe deles no orun . Na encruzilhada que une o orun ao aiye, ikorita meta, todos pararam e vários pactos foram feitos, definindo o momento particular do retorno de cada um ao orun . Alguns voltariam quando vissem pela primeira vez o rosto da mãe, outros quando casassem, um terceiro grupo voltaria quando completassem determinado tempo de vida, um quarto grupo voltaria quando tivessem o primeiro filho, e assim por diante. E o carinho dos pais, o amor que recebessem ou os presentes não seriam capazes de retê-los no aiye. Alguns assumiram o compromisso de que nem nasceriam. Esse pacto deveria ser cumprido e seus companheiros no orun manteriam-se presentes em sua vida, interagindo no seu dia a dia, para que não o esquecessem e retornassem ao orun tão logo o momento pactuado ocorresse.

Como chega a ocorrer o nascimento ou a manifestação de um Àbíkú em uma gravidez? O Yoruba acredita que a ação do Àbíkú ocorre por determinação do destino da mãe, ou por força de magia/feitiçaria, ou por condições acidentais. O Prof. Sikiru Salami e a Profa. Dra. Iyakemi Ribeiro, em sua monografia "Ayedungbe: a terra é doce para nela se viver - rito na luta contra a morte de Àbíkú", definem essas condições acidentais como "aquisição inadvertida de um Àbíkú por uma mulher grávida que não tenha tomado os necessários cuidados para evitar isso". Existe a crença de que uma mulher grávida, ao passar por determinados locais em que os Àbíkú se estabelecem, se não estiver devidamente protegida, pode ver-se invadida por este "espírito" e tornar-se sujeita à gravidez de um Àbíkú. Por isso cuidados especiais são tomados pelas mulheres tão logo tenham consciência do estado de gravidez. Não é incomum que mulheres grávidas carreguem junto a barriga um "ota", devidamente preparado, para evitar essa "invasão" por parte de um Elegbe . Sacrifícios, oferendas e rezas são feitas também com o objetivo de evitar que uma mulher tenha filhos Àbíkú ou que, grávida, venha a ser "invadida" por um deles. Exemplo, temos no ofo do Odu Oyeku meji que transcrevemos a seguir:

Okin nibonranja

Igba gbogbo ni tekun

Ejo ni sare iku niga nigo

Lo ba oluwa re

Awon lo se Ifa fun Tite

Ti nse omo bibi inu Agbonmiregun

Ni Tite omo toun ko ni ku

Won mi bawo ni Orunmila se maa se

Ti Tite omo re ko ni ku

Orunmila da won lohun,

O ni

Ewe-mafowo-kan-omo-ni,

Ki nje oruko meji

O ni Tite omo toun ko ni ku

Orunmila no Oyeku meji

A ye iku lori Tite omo toun

A ye lo si ori omo elomiran

Okin nibonranja

Igba gbogbo ni tekun

É a cobra que corre com seu veneno

Atrás do ser humano

Foram esses seres míticos que adivinharam para Tite

Que é filho de Agbonmiregun (Orunmila)
Todos diziam que Tite iria morrer
Orunmila respondeu à eles que Tite não morreria
Perguntaram à Orunmila o que ele faria
Para evitar a morte de Tite
Orunmila respondeu à eles Dizendo:
Ewe-mfowo-kan-omo-ni,
Ki nje oruko meji
A folha sagrada não-pense-em-fazer-mal-a-meu-filho
Não-encoste-a-mão-no-meu-filho
Não tem outro nome (não tem outra finalidade senão essa)

Orunmila disse que Tite, o filho dele, não morreria
E que Oyeku - Aquele que afasta a Morte
Afastará a morte prematura do destino de seu filho
Ele conduzirá essa morte ao destino dos filhos de outros
Deixando de lado condições acidentais ou efeito de magia/feitiçaria, temos observado que a ocorrência de Àbíkú em uma mãe invariavelmente repete uma história familiar que podemos reconhecer procurando os seus antecedentes. Ou seja, podemos procurar nos antecedentes familiares da mãe para constatar, invariavelmente, que este Àbíkú vem se fazendo presente na família, geração após geração, em linha direta ou não.

Outra questão interessante é que podemos afirmar com grande precisão que alguns odu de nascimento predispõem a ocorrência de Elegbe . Assim, temos que mulheres regidas pelo odu Ogundabede (Ogunda + Ogbe) são naturalmente predispostas à gerarem filhos Àbíkú e, identificadas, quando ainda não são mães, certas oferendas são realizadas e alimentos são-lhes dados para prevenir a ocorrência. Ebo igualmente é feito nas situações em que já geraram filhos ou planejam os gerar - um preá é colocado acima da porta de entrada da casa e um peixe acima da porta de trás, para proteger os moradores da visita dos Elegbe que ali vêm em busca de seus companheiros. Neste caso, deixam de ter acesso ao interior da casa e levarão, no lugar da pessoa que vieram buscar, o preá e o peixe. Um Orin Egbe , cantiga dedicada à Aragbo ou Ere Igbo, Òrìsà protetor das crianças Àbíkú, fala-nos desse ebo

Ere iwaju o
E gbeku e gbeku
Ki e maa lo
Ere eyinkule o
E gbeja e gbeja
Ki e maa lo
E lo so fun won

Lorun ajule
Wipe ile Ayedun,
Ng o de wa mo o

Os da frente
Recebam o preá, recebam o preá
E vão-se embora.
Os de trás
Recebam o peixe, recebam o peixe
E vão-se embora.
Vão dizer à eles
No orun

Que a vida é doce
Não quero mais ir para junto deles no orun

Entendemos, assim, que Egbe é cultuado e louvado com a finalidade de defender as crianças da morte prematura e oferendas lhe são feitas para que "desistam" de levar os Àbíkú de volta para o orun, sendo um de seus objetivos a questão da manutenção dessas crianças no aiye. Segundo o Prof. Sikiru Salami e a Profa. Dra. Iyakemi Ribeiro, na obra já citada, "... estabelece-se assim um jogo de forças entre Aragbo e a comunidade de Àbíkú que deseja levar seus membros do aiye, mundo físico, para o orun , mundo dos mortos, mundo espiritual. Cultos e oferendas são realizados tanto para que a comunidade de Àbíkú abra mão de levá-los de volta, como para que Ere igbo os proteja de serem reconduzidos à terra espiritual." Todas as pessoas nascidas dentro do odu Ogundabede, homens e mulheres, devem cultuar Egbe . Entende-se também que quem o cultua evoca suas bênçãos em benefício das crianças do núcleo familiar. Aliás, o culto de Egbe e suas festas trazem muita semelhança com as festas e o culto que se fazem no Brasil para "Cosme e Damião" e que são, muitas vezes, confundidas com o culto do Òrìsà Ibeji. Este Òrìsà e Egbe (ou Aragbo) são de distintas naturezas, justificam abordagens e tratamentos diferenciados, têm formas particulares de serem louvados e acessados, são cultuados por diferentes razões e necessidades, e seus cultos não podem ser confundidos sob pena de incorrerem em erro de fundamento.

Outra questão que nos parece importante considerar quando falamos de Àbíkú é quanto ao nome que é dado à essa criança por ocasião de seu nascimento. Nomes que contam sobre a alegria de viver e ressaltam a doce qualidade da vida no aiye são usados no intuito de convencer o Àbíkú a não voltar ao orun e constituem-se, junto com outras ações, em formas de trabalhar a questão relativa a ruptura do contrato que levaria o Àbíkú à morte. Relatamos, a seguir, Itan do odu Oyeku mejì que fala sobre o uso de um nome significativo para um Àbíkú:

Eni baba yereku yereku
Ola baba yereku yereku
O nle adie opipi
O jin si kotokoto ofin
O sare iku yereku yereku
A difa fun ikuye
Iku ye yi won ti bi titi
Nse lo nku
Ki nju ojo meje lo laye ko to ku
Igba ketandilogun lo to duro laye
Bara re ni oun ko ni fe aya miran
O lo difa Won ni ki o lo rubo
O ru obuko giripa,
Pelu oromu adie
Ki iya ikuye fi oromu adie para
Ki o mu lo sidi Esu
Ki oromu adie naa ke ku fun rara e
Eni ti won ba da Ifa yi fun
T o ba bimo kuye ni ao maa pe

O conhecimento do pai que se esforça para afastar a morte
O conhecimento do pai que se esforça para afastar a morte
Ele, o ser mítico que é Baba Yereku
Perseguiu um galo sem penas
Que posteriormente viria a cair em um buraco
Ao fugir da morte
Foi feito um jogo adivinhatório para Iku-ye (a morte se desviou)
Esse Iku-ye já nasceu várias vezes na mesma mãe
Assim que ele nascia, já morria
Não passava de sete dias
Parou de morrer no décimo sétimo nascimento
Seu pai disse que não casaria com outra mulher que não fosse a mãe de Iku-ye
(desejava que esta mulher fosse mãe de seu filho)
Foi consultar Ifa para saber como evitar nova morte de seu filho
Foi aconselhado a fazer um ebo Ofertou um bode no ebo
E também um pintinho
A mãe de Iku-ye devia passar o pintinho no próprio corpo
E depois o entregar aos pés de Esu
Esse pintinho deveria morrer piando (o som de seu piado reproduz o som iku-ye,
iku-ye, iku-ye - afaste-se, Morte! afaste-se, Morte! afaste-se, Morte!)

Portanto, quando a criança nascesse deveria ser chamada Kuye, contração de Iku-ye

Ebo semelhante é feito com Egbe nascido dentro do odu Ogbe dosun (Ogbe + Irosun), onde é usado um certo número de pintinhos e outros elementos, com a finalidade de reter no aiye este Àbíkú.

Podemos citar outros nomes dados às crianças Àbíkú: Ayedungbe (a terra é doce para nela se viver), Malomo (não vá mais embora), Dirojaye (fique para usufruir a vida), Fidimoaye (finque sua raiz na terra), Kokumo (não morrerá mais), Elegbede (chegou aquele que pertence à sociedade de Àbíkú).

Por fim, podemos afirmar que os Àbíkú não são, como querem certos autores ou sacerdotes, seres maléficis, que tem por "missão" causar sofrimento às suas mães. Entendemos que, pela sua natureza, não ocorra juízo moral ou ético em relação aos processos de que participam. Podemos pensar até que, talvez, tudo não passe, por parte deles, de "uma divertida brincadeira". Não podemos nos esquecer que aos "espíritos" ligados a Egbe são creditadas muitas "brincadeiras" junto aos humanos, tais como esconder coisas ou fazer com que o dinheiro que você ganhe não se transforme em poupança ou benefício.

Por último, dois aspectos são importantes de serem nomeados: o primeiro, diz respeito ao que podemos chamar de comportamento peculiar da criança Àbíkú. São, certamente, crianças que se distinguem por este aspecto. Segundo, a resistência, na nossa cultura, que os pais têm em aceitar o fato de terem um filho Àbíkú e a dificuldade conseqüente em lidar com esta criança e todas as necessidades decorrentes da luta pela sua permanência no aiye. Cabe aí um importante papel para o sacerdote que pode ajudá-los a compreender a questão, dar-lhes orientação e acompanhamento durante todo o processo.

Prof. Sikiru Salami